

Sarney não quis descontentar

O presidente Sarney, obedecendo a seu estilo, resolveu mais uma vez conciliar e adotou soluções intermediárias para vencer a crise econômica com a qual se defronta seu Governo. Não aceitou a formulação de uma política de choque, de medidas drásticas no campo econômico, nos termos das idéias originais concebidas pelo ministro Mailson Nóbrega, da Fazenda. Desistiu em definitivo do congelamento da URP para os reajustes dos vencimentos do funcionalismo público da União. Optou por uma solução que consiste em estimular a aposentadoria precoce do excesso de servidores públicos da máquina do Estado, como meio de reduzir despesas.

A razão mais forte que pesou contra o congelamento da URP foi de ordem política: temia o Governo que isso estimulasse insatisfações no meio militar, criando clima propício à agitação e turbulência nos quartéis. O que levou, a propósito, um dos colaboradores políticos do presidente da República a observar, em tom de advertência: "Não nos esqueçamos de que a questão do soldo dos militares foi um dos principais motivos do advento da República".

O ministro Mailson Nóbrega preferiu anunciar medidas de liberação da economia nacional. Como o rompimento de barreiras burocráticas que, segundo seu juízo, impedem ou embaraçam novos investimentos por parte do capital estrangeiro. Outra resistência à aplicação imediata de uma política econômica de choque teve sua origem no receio de que a escassa base parlamentar e política do Governo acabasse por ruir totalmente. Já na véspera, um especialista na matéria, o deputado José Serra, do PMDB, ex-secretário do Planejamento de São Paulo, prevenia na Câmara, em conversas informais, que o Governo não tinha condições de aplicar os remédios amargos reclamados pela difícil conjuntura econômica que estamos atravessando, em virtude da profunda contradição que compõe sua base política.

Os governadores do PMDB e

seus parlamentares, assim como o grupo do PFL, batem todos eles diariamente à porta do Planalto, exigindo liberação de recursos e outras benesses que só fazem pesar ainda mais sobre o já combatido erário público brasileiro. Sem a solidariedade dos governadores e dos parlamentares que a ele permanecem fiéis, arcando ainda com o ônus da impopularidade nas ruas, ao qual se acrescentaria o descontentamento dos quartéis com congelamento dos soldos dos militares, o Governo fica como que solto no ar, sem nada para apoiá-lo. Seria demais para suas forças, uma vez que o poder central, enfrenta não só uma conjuntura econômica delicada, como tem ainda a desafiá-lo a incerteza de uma Constituinte rebelde aos seus conselhos e advertências.

Queixas de Mailson

O ministro Mailson Nóbrega, da Fazenda, não esconde seu descontentamento com dois dos seus companheiros de Governo, os ministros Aluizio Alves, da Administração, e Almir Pazzianotto, do Trabalho. Segundo ele, os dois ministros em questão se insurgiram desde cedo contra as medidas econômicas por ele concebidas, fazendo ao Presidente exposições que não corresponderiam à realidade dos fatos. As previsões do ministro da Fazenda quanto ao agravamento do quadro econômico continuam sombrias, apesar dos esforços que empreende em sentido contrário, segundo alega.

Temores do PMDB

O deputado Ulysses Guimarães chamou ontem a seu gabinete o senador José Ignácio, do PMDB, que como outros políticos do seu partido se revela disposto a integrar um bloco parlamentar de linha independente. Ulysses, como fez com outros dos seus correligionários, manifestou o receio de que isso possa resultar na desagregação definitiva do partido, o que pretende evitar na medida das suas forças. Em resposta, o senador José Ignácio traçou um quadro dramático da situação vivida no momento pelo PMDB, estabelecendo um paralelo entre o

que se passa hoje com a legenda e que aconteceu em passado recente com o PDS. Revelou que em algumas cidades do Espírito Santo as pesquisas de opinião pública demonstram que o índice de rejeição popular à legenda do PMDB é superior a 40%. Teme estar preso a uma bôia de chumbo, que, ao invés de mantê-lo preso à superfície, o leva para o fundo, deixando-o sem possibilidades de retorno ou reversão. Mostrou como exemplo o que sucedeu com o PDS e seus preferidos. Havia em seu meio homens respeitáveis. Continuam a ser socialmente aceitos nas cidades em que vivem, mas perderam toda a qualquer importância política, sem saber direito como isso ocorreu. O seu temor é o de que o mesmo esteja acontecendo com o PMDB.

José Ignácio fez afinal uma imagem de efeito para Ulysses: tem a impressão de que o PMDB é como a arca de Noé que adernou numa praia, trazendo no seu bojo animais de todas as espécies, uns presos aos outros, até galinha misturada com raposa...

Traumatizado

O senador paulista Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, continua traumatizado com o que aconteceu no domingo passado nas convenções municipais do seu partido em São Paulo, onde foi praticamente esmagado pelo grupo comandado pelo governador Orestes Quêrcia. A conversa de Quêrcia e Covas realizada anteontem em Brasília não produziu qualquer efeito conciliador. Covas viajou ontem para São Paulo e, segundo ele próprio admitiu, é possível que venha a ter um novo encontro com Quêrcia neste final de semana prolongado pelos feriados.

Três correntes na Bahia

O ministro Prisco Viana, o líder Carlos Sant'Anna e o deputado Jorge Viana, todos eles do PMDB, aliados ao prefeito Mário Kerstz, de Salvador, resolveram constituir na Bahia um terceiro pólo de irradiação política, que se situará entre as lideranças em guerra declarada do governador Waldir Pires e do ministro Antônio Carlos Magalhães.